



VII Colóquio Internacional São Cristóvão/SE/Brasil  
"Educação e Contemporaneidade" 19 a 21 de setembro de 2013  
ISSN 1982-3657



## **"MENINOS JOGAM FUTSAL, MENINAS JOGAM QUEIMADO": RELAÇÕES DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO FÍSICA, PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA A PRÁTICA DOCENTE**

**Marília Gabrielle Arruda Ferreira<sup>1</sup>**

### **10. EDUCAÇÃO, CORPO, SEXUALIDADE, GÊNERO**

#### **RESUMO**

Na atualidade, a educação física emerge como campo de estudo e análise dos determinismos impostos através das relações de gênero. A ausência de conteúdos, a metodologia adotada e a participação dos alunos são alguns aspectos que nos permitem analisar sob o viés das questões de gênero. Nesse sentido, o presente estudo buscou analisar a prática pedagógica na educação física escolar, as possíveis razões de algumas atividades serem consideradas próprias para meninos ou meninas. Como campo de análise, foram utilizadas informações obtidas durante a vivência da disciplina de estágio supervisionado numa turma do segundo segmento do ensino fundamental numa escola da rede particular da região metropolitana do Recife.

Palavras chaves: Gênero, educação física, conteúdos.

#### **ABSTRACT**

Currently, physical education emerges as a field of study and analysis of deterministic taxes by gender relations. The lack of content, methodology and student participation are some aspects that allow us to examine the bias in gender issues. Accordingly, this study investigates the pedagogical practice in physical education, possible reasons some activities are considered suitable for boys or girls. As the field of analysis, we used information obtained during the course of living in a supervised course of the second segment of the school in private school in the metropolitan area of Recife.

Keywords: Gender, physical education, content.

#### **INTRODUÇÃO**

A educação passa assumir de vez o seu caráter de reflexo da sociedade, pois surgem documentos que ressaltam a importância da educação estar atrelada às demandas da contemporaneidade, Os Parâmetros Curriculares Nacionais salientam a importância dos temas transversais serem tematizados no currículo escolar do ensino fundamental e médio (BRASIL, 1997). A Educação Física é aqui entendida como prática pedagógica que tematiza atividades expressivas da cultura corporal (COLETIVO DE AUTORES, 1992). Historicamente foi marcada e determinada por concepções políticas vigentes num dado contexto sócio-cultural. Como sintetiza CASTELLANI (1998) o início da Educação Física no Brasil ocorreu mediante a

influência dos militares, pois o contexto político existente, com o Brasil deixando de ser colônia portuguesa, projetou-se como ambiente favorável ao estabelecimento de um padrão social adequado para o desenvolvimento do país, com corpos fortes e harmoniosos. Tal política foi legitimada sob o viés do discurso médico-higienista que reafirmava a necessidade de educar os corpos e alcançar os padrões de saúde e moral (CASTELLANI,1988).

Assim historicamente a educação física foi utilizada como mecanismo de controle do corpo, visto que de acordo com pensamento vigente, corpo e mente estavam separados. Portanto, existiam atividades nobres para a mente e atividades para controlar tudo o que viesse do corpo, pois o corpo era considerado impuro por natureza. A ginástica serviria então para formar corpos fortes, sadios e principalmente obedientes.

O sistema patriarcal determinou formas de preconceito que contribuem para a manutenção de estereótipos sobre aquilo que é classificado como masculino ou feminino. Essas relações de poder estabelecidas entre homens e mulheres acabam por delinear um quadro de exclusão e negação para ambos. As meninas são excluídas de alguns esportes, como o futebol e os meninos são excluídos de atividades rítmicas, como o conteúdo dança. Atribuindo características próprias para cada sexo e determinando como devem se expressar. É de suma importância entender que as relações de gênero se manifestam durante as relações sociais estabelecidas perante as diferenças percebidas entre os sexos (SOUZA E ALTMANN, 1999).

Este estudo, insere-se no debate sobre as relações de gênero e tem como objeto de análise a prática pedagógica da educação física, enquanto atividade que historicamente encontrou alicerces em preceitos sócio-culturais. A sua constituição é fruto de reflexões oriundas do relato de experiência vivenciadas com o 2º segmento do ensino fundamental na disciplina de estágio supervisionado II por alunos do 6º período da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Tem como objetivo salientar a presença das relações de gênero e sua influência na educação física, no que tange a escolha de conteúdos, metodologia e participação dos alunos. Nesse sentido, esperamos que este estudo venha a contribuir para o aumento das discussões sobre a temática, para que tais reflexões avancem rumo a superação das limitações impostas devido as questões de gênero no chão da escola.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa surge mediante uma inquietação, essa quando surge desperta um espírito desafiador, quase como uma necessidade que jamais estará finalizada. O ato de pesquisar nos permite buscar fontes, informações e situações dentro de uma perspectiva histórico-social, no intuito de melhor fundamentar o trabalho científico. Logo, a pesquisa pode ser entendida por determinadas ações que objetivam responder a questionamentos que surgem no decorrer das etapas de construção do conhecimento.

“A pesquisa é uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados”. (MINAYO,1993)

Portanto, esta pesquisa é qualitativa, bibliográfica e de campo, pois foi elaborada utilizando-se de consulta de livros, artigos e com atividades realizadas durante visitas de campo em uma escola localizada na região metropolitana do Recife, estado de Pernambuco. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram a observação e os diários de campo. Para análise de dados, utilizamos a análise de conteúdo, pois esperamos enxergar através do texto, encontrar algo que não está evidente. Segundo Bardin (1977) é:

“um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das

mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens". (BARDIN, 1977)

## REVISÃO DE LITERATURA

Porém vale afirmar que os exercícios praticados pelas mulheres tinham uma conotação diferente dos exercícios praticado pelos homens, vistos que estes iriam "proteger o país" e as mulheres fariam "nascer o país". A inclusão do conteúdo ginástica nas escolas também carregou um certo estigma com relação às alunas.

Podemos afirmar, portanto, terem sido também influenciados pela ação entabulada pelos higienistas, pautada em conotações de cunho nitidamente eugênicas, que os educadores passaram a defender a introdução da ginástica nos colégios(...)Tal contrariedade, se era diminuta em relação aos alunos do sexo masculino, por já terem os pais se acostumado à ideia da ginástica para os homens, em razão dos exemplos oriundos das instituições militares, se fazia histórica quando a intenção de sua prática se estendia ao sexo feminino. (CASTELLANI FILHO, 1988, pág. 46)

Logo, a Educação Física foi um instrumento de manobra política, os exercícios físicos e sobretudo a ginástica foram usados para moldar e controlar a sociedade brasileira, na qual homens e mulheres desempenhariam papéis sociais distintos, reafirmando a função de modelar os corpos femininos.

"O raciocínio era simples: mulheres fortes e sadias teriam mais condições de gerarem filhos saudáveis, os quais, por sua vez, estariam mais aptos a defenderem e construir a pátria, no caso dos homens, e de se tornarem mães robustas, no caso das mulheres." (CASTELLANI FILHO, 1988, pág.56).

Os corpos são sociais e socializados, ou seja, insere-se no meio como reflexo daquilo que somos, pois tudo o que o homem tem dele é a imagem que faz dele mesmo. Essa discussão do corpo cultural ganha campo mediante a interpretação da sociedade e dos discurso utilizados para tentar naturalizar aquilo que é socialmente adquirido.

"Podemos pensar no fato de os meninos brasileiros, como se diz correntemente, nascerem sabendo jogar futebol. De forma contrária, ainda segundo o senso comum, podemos dizer que as meninas brasileiras, além de não nascerem sabendo, nunca conseguem aprender a jogar futebol. Ora, o primeiro brinquedo que o menino ganha é uma bola. Como se não bastasse o estímulo do material, há todo um reforço social incentivando-o aos primeiros chutes, ao contrário da menina, que, afora não ser estimulada, é proibida de brincar com bola utilizando os pés. As aptidões motoras também fazem parte do processo de transmissão cultural." (DAOLIO, 1995, pág. 37)

No cotidiano das escolas observamos que alguns conteúdos são extremamente excludentes, como os esportes e de maneira mais específica o futsal. Porém o problema do esporte não é o esporte em si, mas sim, o viés metodológico utilizado que majoritariamente privilegia a técnica e o rendimento. E as relações de gênero se fazem presentes, na medida em que o futebol não é considerado como uma prática

destinada às mulheres, dada as características “violentas” do futebol e as características “delicadas” das mulheres. Assim esse conteúdo ao ser vivenciado na escola é tradicionalmente atividade voltada para os garotos.

“Nessa perspectiva, podemos considerar o esporte enquanto uma prática historicamente produzida e socialmente construída, que pode servir como elemento útil para analisar as relações de gênero por se apresentar como palco de opressão, transformação, lutas e contestações entre homens e mulheres” (LIRA, 2010,pág.76)

A dança é outro conteúdo palco de divergências na educação física, pois por representarem atividades ritmadas, com corpos em constante exposição. São atividades difíceis de se trabalhar, pois as meninas encontram mais facilidade devido à experiência anterior e os meninos não carregam em seus corpos as marcas das atividades ritmadas. Outro ponto interessante de se reconhecer é o caráter de sexualidade presentes nestas atividades, visto que os garotos que “dançam bem” e as meninas que jogam futebol são classificados como homossexuais. Ambos passam a ser alvos de gozações pejorativas por parte de outros alunos, que por causa da educação familiar (ou melhor a falta dela) que tiveram, carregam estigmas e desconhecimento quanto a sexualidade. Nesse sentido:

“A orientação sexual contempla questões polêmicas e visa à sua superação. Uma dessas questões é a sexualidade, que pode se manifestar em diversas faixas etárias, merecendo atenção por parte dos educadores. Os alunos chegam à escola com concepções de sexualidade provenientes das mais diversas fontes, tais como a família, a mídia, a religiosidade etc. Cabe à escola abordar diversos pontos de vista, concepções e reflexões sobre o tema para auxiliar o aluno a encontrar um estado de autonomia, criando assim condições para que ele próprio possa refletir sozinho sobre o assunto.” (DARIDO, 2012, pág.149)

Sexo é o biológico, aquilo que carregamos externamente nos nossos corpos, já o gênero é aquilo que é construído socialmente. Nesse sentido, são construídos atributos masculinos e femininos, que podem frequentemente criarem estigmas baseados exclusivamente no sexo, negando-se aspectos culturais inerentes na formação gêneros. Porém, temos que ressaltar que a exclusão não são baseadas exclusivamente por questões de gênero, mas sim, em decorrência da negação que os conteúdos justificadas nas diferenças atribuídas aos gêneros. Tais ausências, deixam lacunas quanto ao acesso aos elementos da cultura corporal, gerando à falta de vivência de experiências motoras, o que concorre associar à falta de desenvolvimento motor, social e cultural.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Foram analisadas duas aulas de educação física numa turma do 8º ano em uma escola da rede particular da região metropolitana do recife. Tal inquietação surgiu mediante a ausência “gritante” das meninas durante as aulas. Então quais seriam os motivos das meninas para não participarem das aulas

- Na primeira aula verificou-se que: existiam 38 alunos na turma, deste total, 16 alunos participaram da aula, sendo apenas 4 meninas participando. E 22 alunos estavam sem fazer aula, dentre os quais estavam incluídos 14 meninas. Quanto ao conteúdo trabalhado, na primeira aula o conteúdo foi o atletismo, trabalhando fundamentos da corrida e dos saltos através de um mini-circuito, onde

as equipes competiam para que a mais rápida vencesse. Ao fim do circuito, o professor averiguava a frequência cardíaca dos alunos para poder comparar a alteração com a primeira medição feita quando estes estavam em repouso.

- Na segunda aula verificou-se que: estavam presentes 40 alunos, nos quais 22 participaram da aula, incluindo 10 meninas. 18 alunos estavam sem fazer aula, sendo que 9 eram meninas. Na segunda aula, ainda sob o conteúdo atletismo, a atividade realizada foi a corrida matemática, que consiste na divisão da turma em equipes e de forma separada cada aluno de uma equipe deveria acertar a operação matemática para então poder correr e ter o seu tempo cronometrado. Ganharia a equipe que conseguisse terminar o circuito com o menor tempo total. Após essa atividade, o professor propôs para a turma um jogo de queimado adaptado com duas bolas, para aumentar a dificuldade e fazê-los correr mais.

Com a disciplina de Estágio Supervisionado II, voltada para o 2º segmento do ensino fundamental, encontramos um território “rico” de lembranças, significados, participação e questionamentos acerca dos elementos da cultura corporal. A vivência de tais atividades de forma crítica e sistemática permite, além de promover novas aprendizagens, a formação cultural, ética e humana do jovem enquanto cidadão atuante e participativo. As aulas ocorriam de forma teórica e prática, para introduzir determinado conteúdo o professor questionava os alunos e apresentava um pouco do histórico para na aula seguinte poder fazer algo prático. No geral, o que podemos analisar nas duas aulas é que a metodologia de ensino adotada pelo professor parecia alcançar sim os objetivos de uma educação física crítica, pois ocupou o papel de mediador em suas aulas proporcionando a vivência de elementos da cultura corporal. Quanto a questão da maioria das meninas não fazerem as aulas práticas, pode-se entender que os motivos são variados. De acordo com o professor, algumas dizem que estão menstruadas, outras “esqueceram” a roupa de atividades práticas e outras estão dispensadas das aulas práticas por motivo de doença. Outro ponto que merece destaque, é que os alunos que não estão fazendo as aulas práticas, têm o dever de fazer relatórios com base na aula. Porém, o que se podia observar é que nenhum aluno fazia o relatório durante o momento da aula, ficando todos dispersos e conversando.

## **CONCLUSÕES**

Com base nas discussões, entendemos que o professor tem papel primordial para promover a co-educação na sua prática pedagógica. Este ao assumir a sua postura de mediador e adotar uma metodologia crítica, estará contribuindo para que os alunos sintam-se inseridos e comportem-se como sujeitos ativos e críticos. Sejam de fato, corpos conscientes da sua corporeidade e do peso cultural que carregamos enquanto parte e reflexo sócio-histórico. Entendemos que o debate em torno das relações de gênero aumentaram bastante, nesse sentido a escola enquanto reflexo e agente construtor de cultura, reproduz concepções que reafirmam o peso das diferenças entre os gêneros. A escola, surge então, como elemento fundamental para a desconstrução de estereótipos que estigmatizam e limitam homens e mulheres. A educação física durante muito tempo reproduziu atividades díspares para garotos e garotas sob a justificativa das relações de gênero, tal atitude pode ser reflexo de uma formação tecnicista e excludente. Na contemporaneidade, acreditamos que “bons ventos” virão para a educação física escolar, pois tais pedagogias que primavam pela atribuição de comportamentos próprios para o masculino e o feminino, hoje são questionadas e perderam legitimidade. Acreditamos no poder emancipatório da educação física, com uma prática pedagógica em constante diálogo com a sociedade e com a mídia, mas que esse contato venha a ser crítico e reflexivo. Não cabe mais, para nós professores de educação física, fechar os olhos, abaixar a cabeça e seguir reproduzindo exclusão e limitação de vivências corporais, atenuadas na separação impostas aos gêneros.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394/96. Disponível em: . Acesso em: 10.03.13.

BRASIL/Secretaria da Educação Fundamental (1997 a). **Parâmetros Curriculares Nacionais** – Vol.08: Apresentação dos temas transversais e ética. Brasília: MEC/SEF.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação física no Brasil: A história que não se conta**. Campinas, SP: Papyrus, 1988.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

DAOLIO, J. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

DARIDO, S.C. **Educação física e temas transversais na escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

LIRA, M.H.C. **Por uma geração mais forte: o esporte feminino e os enunciados para uma possível qualidade de vida**. In: SIMÕES, J.L. (Org.). **EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E QUALIDADE DE VIDA**. 1ed.RECIFE: Ed. Universitária da UFPE, 2010, v. 1, p. 75-89.

MINAYO, M.C.S. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec,1993.

SOUSA, E. S. de; ALTMANN, H. **Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar**. Cadernos Cedes, Campinas,SP, v. 19, n. 48, p. 52-68, 1999.

1 Graduanda do curso de licenciatura em Educação Física/Universidade Federal Rural de Pernambuco/PET-conexões Políticas Públicas –MEC-SESU/ [mariliaferreira\\_ef@yahoo.com.br](mailto:mariliaferreira_ef@yahoo.com.br)